

# Futebol e Violência no Brasil

Maurício Murad\*

*\*Do Depto. de Ciências Sociais da UERJ. Fundador e Diretor do Núcleo de Sociologia do Futebol, do Departamento de Ciências Sociais da UERJ. Autor do livro **Todo Esse Lance Que Rola - Uma História de Namoro e Futebol**, Editora Relume-Dumará, 1994.*

## 1º Tempo

Em 1994 foi realizada nos EUA a XV Copa do Mundo. Neste mesmo ano o futebol brasileiro completou seu primeiro século. Originário da Inglaterra, aqui chegou em 1894 trazido por CHARLES MILLER - brasileiro, paulista, descendente de ingleses, profundo conhecedor das regras do jogo, além de excelente jogador.

Requintado esporte de elite, em seu momento inicial, o "violento esporte bretão" como passou a ser chamado, assumiu irrecusável posição de classe e produziu já na origem sua primeira forma de violência (social e racial), bem como suas primeiras vítimas, quando chegou ao extremo de ser proibido a negros e pobres, já fortemente discriminados e estigmatizados numa formação social dominada pelo colonialismo e pelo escravismo, enquanto constantes estruturais. Agressões verbais e físicas, conflitos generalizados, exigências de escolarização e emprego fixo, combate ideológico através de campanhas pela imprensa, **extinção do futebol** em diversos clubes do país, etc., foram estratégias e táticas empregadas pelas elites dominantes, a fim de evitar o inevitável: a popularização e democratização do futebol entre nós. E que fique bem claro: estratégias e táticas violentas. Uma violência histórica, constitutiva, formadora e fundadora da sociedade brasileira. Que o digam os índios, negros, pobres e seus descendentes de ontem e de hoje. A

violência, tanto social quanto racial (e de gênero), é uma constante na estrutura da formação brasileira. O homem cordial é tão somente um mito em nossa história. Mais de três séculos de regime escravista, último país do mundo a abolir a escravidão, "Questão Social" extremamente perversa.

Racista e elitista nas primeiras décadas, desde sua implantação no Brasil, o futebol é uma expressiva metáfora das relações sociais hegemônicas da formação brasileira, síntese sociológica de nossa história. Basta dizer que uma das hipóteses mais convincentes para explicar a implantação do profissionalismo no futebol brasileiro, a partir de 1933, foi a de que o novo regime de trabalho, ao transformar o atleta em **empregado** do clube, facilitaria a aceitação de negros e pobres, processo que era irreversível. É irreversível a partir da metade dos anos dez e, principalmente, dos anos vinte, quando o futebol foi conquistado pelos excluídos e embrionária e lentamente foi se popularizando e se democratizando, até tornar-se o maior e mais genuíno ritual da cultura popular brasileira. Mas esse processo não ocorreu sob a égide pacífica e generosa, da cordialidade e da conciliação; ao contrário foi resultante de um contexto político de confrontos e conflitos, entre diferentes interesses de grupos sociais antagônicos. Eloquente exemplificação da luta de classes por aqui.

O ingresso de jogadores oriundos das camadas populares, negros, especificamente, assumiu importância fundamental, uma vez que foi a partir deste instante que construiu-se no futebol brasileiro, um estilo próprio de magia e arte, diferente das formas arcaicas do jogo de bola, bem como de sua descendência inglesa imediata. Um futebol que "lembra passos de dança e fintas de capoeira", como preconizou Gilberto Freyre, um pioneiro, dentre nossos cientistas sociais, da valorização

do futebol enquanto temática sociológica. Quando começaram a jogar futebol no Brasil (a conjuntura proto-histórica foi a segunda década de nosso século), os negros não podiam derrubar, empurrar ou mesmo esbarrar nos adversários brancos, sob pena de severa punição: o atingido, os outros jogadores e até os policiais podiam bater no infrator. Os brancos, no máximo, eram expulsos de campo. Perversa "legislação esportiva"; consequência de uma sociedade idem. Esta redução dos espaços dentro das "quatro-linhas", subproduto de sua situação social, obrigou os negros a jogarem com mais ginga, com mais elasticidade de corpo, com mais habilidade, evitando, assim, o contato físico (mesmo que involuntário) condenatório e determinando um singularíssimo processo (estético) de reinvenção dos espaços, o que caracteriza a chamada "escola brasileira". O drible, destaque pictórico do nosso futebol, não é outra coisa que a criação do espaço, onde o espaço não existe.

É a sociedade brasileira e suas estruturas básicas, que se oferecem à investigação, quando estudamos o nosso futebol. Pesquisá-lo é abrir um leque inimaginável de possibilidades temáticas, de trabalho, de interpretação e conhecimento em torno da realidade de nossa formação social. Tal como a história da estrutura maior, a história do futebol brasileiro é marcada por diferentes práticas de violência, as quais depositam suas raízes nas complexas articulações políticas e ideológicas, dos múltiplos e variados campos sociais de poder.

Violências **do** futebol, violências **no** futebol. Violências **com** o atleta: contrato trabalhista (rescisão também) assinados em branco e doping, ente outros. Violências **do** atleta: agressões e mutilações. **Das** torcidas organizadas (com maior visibilidade na mídia): tóxicos, conflitos coletivos e mortes. **Com** os torcedores em geral: assaltos, ameaças e marginalidade em torno dos estádios.

**O drible, destaque pictórico do nosso futebol, não é outra coisa que a criação do espaço, onde o espaço não existe.**

A problemática da violência no universo do futebol brasileiro é múltipla, plural e diversa. Objeto de caráter polissêmico, admite leituras diversas e isto porque a violência no futebol é multifacetada, como o é, também, na realidade brasileira. Várias são as possibilidades de interpretação, vários são os contextos de sua emergência. Contextos particulares e concretos, diferenciados em singularidades, que se intercomunicam no processo de inserção com a estrutura global. Uma inserção de causalidade mediada e caráter totalizante. A questão da violência no futebol é variada, não tem causa única. Razões estruturais e conjunturais, motivações macro e micro, combinam-se dialeticamente na elucidação do fenômeno, que é básico para o entendimento do futebol e do Brasil.

\*\*\*

## Intervalo

Em maio de 1990, na conjuntura imediatamente anterior à Copa do Mundo realizada na Itália, com as ruas já embandeiradas, fundamos o **Núcleo Permanente de Estudos de Sociologia do Futebol**, do Departamento de Ciências Sociais, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Idéia antiga, pensada e conversada desde muito tempo, foi materializada naquele momento histórico facilitador. Definido institucionalmente, como atividade do Departamento de Ciências Sociais, o Núcleo é aberto a docentes e discentes, de qualquer unidade acadêmica, na medida em que é um centro transdisciplinar de estudos e pesquisas, em torno das problematizações multissignificativas emergentes do futebol. Comunicação Social, Letras, Educação Física e Psicologia, nesta

ordem, têm sido as áreas de maior aproximação e intercâmbio mais proveitoso.

Núcleo **permanente**, este o seu caráter pioneiro. Até onde conseguimos obter informações, somos o único centro permanente de investigação, em nosso meio acadêmico (e da América Latina), a cerca da Sociologia do Futebol. Centro modesto, dando, ainda, seus primeiros (mas firmes) passos no sentido de estabelecer — este é o projeto — uma nova área para a Sociologia no Brasil, a exemplo daquilo que mais ou menos já acontece na Alemanha e na Inglaterra.

Abrimos a concepção do Núcleo para diferentes áreas do saber, além da Sociologia, por considerarmos o futebol um conjunto múltiplo de objetos interativos, que já se oferece como interpretação, uma vez que tudo já significa, conforme postulação inspirada na filosofia de Nietzsche.

Iniciamos debates e articulações, dentro e fora da UERJ, com professores e professoras, alunos e alunas e demais interessados de outros setores da cultura brasileira, como Jornalismo, Música Popular, Cinema, Literatura, Teatro, etc. Começaram a se organizar algumas linhas de pesquisa, além de um acervo documental, incluindo depoimentos diversos, gravados em áudio e vídeo.

*Pari passu* fomos acumulando experiência e conhecimento. Gradualmente foram acontecendo orientações de monografias de graduação, espaço na mídia, além do imaginado e participação em colóquios e congressos no Rio de Janeiro, em outros Estados e até mesmo em outros países.

Amadurecimento na área de pesquisa, gestão na área de ensino. Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, tarefa constitucional das universidades. Sem precipitação, somente em 1994 — ano do centenário do

**Amadurecimento na área de pesquisa, gestão na área de ensino. Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, tarefa constitucional das universidades.**

futebol brasileiro e da XV Copa do Mundo/EUA —, no primeiro semestre, começamos a elaborar o conteúdo programático e planejar a disciplina (eletiva) **Sociologia do Futebol**, que foi ministrada experimentalmente no segundo semestre do mesmo ano e reeditada no primeiro semestre de 1995, para uma segunda turma e no segundo semestre do mesmo ano, para uma terceira. Em linhas gerais, o conteúdo da disciplina está subdividido em quatro unidades: fundamentos teórico metodológicos, história social do futebol, futebol e cultura e bibliografia especializada.

Ainda no segundo semestre de 1994, publicamos juntamente com o Departamento Cultural da UERJ, o nº zero, também experimental, de “**Pesquisa de Campo**”, revista do Núcleo de Sociologia do Futebol. De periodicidade semestral (já em seu 4º número) é um espaço de reunião e divulgação, exposição e discussão de idéias, trabalhos e propostas de pesquisadores de formações diferenciadas.

Espaço de reunião e divulgação, exposição e discussão de idéias, trabalhos e propostas de pesquisadores de formações diferenciadas.

\*\*\*

## 2º Tempo

Muitas as pesquisas realizadas desde a fundação do Núcleo. A primeira delas que foi sobre a violência, sobre as práticas de violência nos inúmeros campos que constituem o continente temático do futebol, prossegue até hoje. Iniciada em janeiro de 1991, e já com cinco anos de trajetória. Tecnicamente qualificada como pesquisa-processo, sua metodologia vai incorporando as novas facetas que a dinâmica do objeto produz. E por que uma pesquisa sobre futebol e violência no Brasil, foi eleita para iniciar as atividades do Núcleo? Mais ainda: por que seu recorte incidiu concentradamente sobre as torcidas organizadas, se o problema é mais geral e mais

amplo? Resposta óbvia: a gravidade crescente e preocupante da questão da **violência das torcidas organizadas**, a partir da metade dos anos oitenta, passou a exigir e tornou urgente, sua compreensão em bases científicas.

A pesquisa como princípio direcionador da produção e transformação de conhecimentos, o ensino como finalidade pedagógica imediata e intransferível e a produção de efeitos sociais mais amplos como *praxis*, esta tríade articulada, eis a tarefa precípua da Universidade. Preceito constitucional, consagrado no artigo 207, capítulo III da educação, da cultura e do desporto: “as Universidades ... obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.”

Nossa intenção era (é) avançar na pesquisa, a fim de construir elaborado diagnóstico, que ajude a fundamentar políticas públicas associadas, de caráter **reeducativo, preventivo e punitivo**, para preservar o mais importante lazer da coletividade brasileira. Sem a pretensão de **resolver** a violência (sua identidade com a história humana comportaria outro artigo), mas sim de submetê-la ao controle da sociedade. Em verdade, inverter a relação hegemônica de nossos dias.

Crescente e preocupante, a violência dentro e fora dos estádios, contribui para desagregar a natureza de conagração comunitário, de festa e arte, de espaço público de lazer, que o futebol representa. A violência é a razão **maior — 78,8% —** do afastamento das pessoas dos campos. A **queda de público** é fator de especial relevância, não somente por suas conseqüências econômicas imediatas, no orçamento dos clubes, como também por seus efeitos simbólicos. Futebol tem muito de teatralidade, de troca, de reciprocidade entre ator e platéia. Se os torcedores não comparecem, a relação mítica fica esgarçada e isto contribui para a quebra da

A violência é a razão maior — 78,8% — do afastamento das pessoas dos campos.

consistência mágica do espetáculo. **Hypokrités**, a origem grega de ator, é aquele que **responde**, note bem: responde, ao público. O teatro clássico grego e o teatro shakespereano (pra que outros exemplos?), demonstram esta tese, com evidência, tanto na encenação quanto na concepção dramaturgica.

A compreensão sociológica da violência no interior do futebol, não pode estar desligada da compreensão sociológica das diferentes práticas de violência que perpassam a sociedade brasileira. Este processo geral de **desagregação das referências** no Brasil, cria condições propícias à violência, que por vezes fica mais visível no futebol, por ser um fenômeno da paixão, que tudo acentua, que tudo exacerba. Neste sentido, as torcidas passam a polarizar este contexto de desagregação social maior, no qual **todas** as instituições estão mergulhadas.

Historicamente as torcidas organizadas violentas, surgiram na década de setenta, auge da ditadura militar. Em especial entre 1969 e 1973, nasceram as “organizadas” (“uniformizadas” em São Paulo), que, hoje, atemorizam o país. Fundadas na conjuntura superior do Estado neofascista, implantado no Brasil a partir de 1964, sua gênese foi demarcada pela ideologia da violência política, definidora do período “A.I.5 - Médici”. Alimentadas por uma visão de mundo intolerante e excludente, de fundamento antidemocrático, sua prática não poderia ser outra, que esta acumulada em sua experiência contemporânea: a competitividade selvagem, o antagonismo repressor, a invasão territorial e a eliminação das diferenças pelo uso da força.

Mas nem sempre foi assim e nem todas são assim. No passado **carnealizadas** (a primeira torcida organizada brasileira, a Charanga Rubro-Negra, criada e liderada pelo legendário Jaime de Carvalho, é de 1942), eram

Neste sentido, as torcidas passam a polarizar este contexto de desagregação social maior, no qual todas as instituições estão mergulhadas.

“instituições familiares e coreográficas”, que marcavam sua atuação com cânticos, ritmos, alegorias e festejos. No espaço social das torcidas, a parceria fecunda entre a música popular e o futebol! Dois elementos centrais para a compreensão do *ethos* brasileiro. O escritor José Lins do Rego (o enredo de seu romance “Água-Mãe”, de 1941, trata de futebol), torcedor e cronista esportivo apaixonado, chegou a declarar que no interior de um estádio pode se ver e ouvir o povo em pleno processo de criação. As torcidas, neste caso, decodificam sua dimensão sociológica mais produtiva e exemplar: uma organização comunitária espontânea, livre, independente e criativa.

Nas décadas de quarenta, cinquenta e sessenta, é óbvio que havia, também, conflitos e práticas de violência no universo futebolístico, mas distintas eram sua natureza e amplitude. Havia embates e confrontos, mas não tão agudos, coletivos, programados, generalizados ou institucionalizados, como a partir dos anos oitenta, segundo lustro em particular. A mudança de comportamento das “organizadas”, levou de dez a quinze anos desde sua gestação, até sua presença nas páginas policiais. De **carnealizadas** passaram a ser **militarizadas**, seguindo as doutrinas e os padrões de organização do militarismo então vigente, que se entranhava em todos os setores da sociedade. Estas torcidas, em decorrência, foram se estruturando em “pelotões”, “destacamentos”, “esquadrões”, “tropas-de-choque”, “comandos”, “exércitos”, “famílias” ... sim, família, mas no sentido mafioso do conceito. Além disso, seus líderes são chamados “capitães”, “tenentes”, “sargentos”. Seus símbolos são militares, como também o são suas relações de poder, hierarquia interna e comportamento grupal. Seus cantos de guerra traduzem e muito bem o quadro que estamos desenhando, síntese

De carnealizadas passaram a ser militarizadas, seguindo as doutrinas e os padrões de organização do militarismo então vigente, que se entranhava em todos os setores da sociedade.

de parte ponderável da pesquisa que o Núcleo de Sociologia do Futebol da UERJ vem realizando há mais de cinco anos. Abaixo alguns trechos de diferentes músicas, cantadas por diferentes torcidas brasileiras, no eixo Rio - São Paulo - Minas.

- *"Nosso exército jovem  
ataca, massacra,  
impõe o se valor.  
Não tem medo da morte,  
ao inimigo causa horror."*

\*\*

- *"Eu sou guerreiro combatente,  
que sozinho mata mil.  
Eu sou do Pelotão Independente,  
o mais temido do Brasil."*

\*\*

- *"No Pacaembu invade e domina.  
No Morumbi ataca e desmonta.  
No Rio ela explode  
qualquer um que encontra."*

\*\*

- *"Não tenho medo do perigo,  
sou treinado para isso.  
Quem não é do meu povo,  
É meu inimigo."*

\*\*

- *"Prontidão, avança, recua  
e organiza a retirada.  
Tem tática que é de rua  
e tem outra que é de estrada."*

\*\*

- *"Nós não precisamos ter ódio,  
para sermos os mais violentos."*

*Somos uma tropa-de-elite,  
sabemos escolher os momentos."*

Uma infra-estrutura bélica, com tecnologia avançada na fabricação de armamentos, tráfico de armas e tóxicos, bem como a articulação com setores marginalizados da vida urbana brasileira, eis os traços mais pregnantes que a década de noventa acrescentou à história das torcidas organizadas. Essas facções de "gladiadores", conforme eles próprios se intitulam, treinadas em artes marciais — característica iniciada no final dos anos oitenta — espalham a violência perigosamente, para além dos campos de futebol, dividindo as grandes cidades em territórios dominados, cujas fronteiras são demarcadas por grupos de ação e força. Essa experiência mais ou menos recente no Brasil, já é antiga na Europa e não somente na Inglaterra com os *hooligans*, mas também na Alemanha, Holanda, Itália, Bélgica. Lá o nacionalismo intransigente e a xenofobia, junto com os focos neonazistas, configuram perfil diferenciado ao fenômeno. Aqui, embora a proporção seja menor, é **crescente e preocupante**, sobretudo porque a violência estrutural e a crise permanente, potencializam a emergência de atitudes anti-sociais.

De acordo com as estatísticas oficiais, das Polícias Militares dos Estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, seis foram as mortes registradas durante o Campeonato Brasileiro de 1994.

- **Sérgio Francisquini**, 19 anos, pisoteado em Campinas, corintiano, torcedor organizado da Gaviões da Fiel;

- **Wagner Soares**, 20 anos, baleado na cabeça no Rio de Janeiro, palmeirense, torcedor organizado da Mancha Verde;

É crescente e preocupante, sobretudo porque a violência estrutural e a crise permanente, potencializam a emergência de atitudes anti-sociais.

- e **Neldo Ribeiro**, de 16 anos, **Sérgio Roberto da Silva**, 40 anos, etc.

Originários (indiscriminadamente) de todas as classes sociais, de todas as faixas de renda, de escolaridade, de profissionalização, de informação, os **organizados** concentram-se na faixa etária dos quatorze aos vinte e cinco anos — 80% — e destes, mais de 50% são menores de idade. É importante sublinhar que estes são dados nacionais, não se restringindo a determinado estado, região ou cidade, embora os problemas mais agudos ocorram principalmente — e nesta ordem — nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Neste triângulo altamente concentrador da vida brasileira, também estão concentradas as questões mais graves das torcidas, como o alarmante acordo (bélico) entre Palmeiras, Vasco e Atlético de um lado e de outro, Corinthians, Flamengo e Cruzeiro.

É indubitável que todo esse contexto está a exigir empenho de nossas consciências. Entretanto **relativizar** é preciso. Sem o que podemos cair na tentação das generalizações fáceis e, naturalmente, equivocadas do tipo **acabar com as torcidas**, como a recentíssima experiência das autoridades públicas de São Paulo. E isto em razão “das uniformizadas terem se desviado de suas finalidades originais”. Em respeito a Jaime de Carvalho e Dulce Rosalina e Tarzan e ... todos os seus discípulos de ontem e hoje, podemos perguntar: a Escola e a Saúde públicas, a Justiça, os parlamentos ... por vezes (várias) não têm se desviado de suas metas de origem? E o que fazer: eliminar ou transformar?

As torcidas organizadas são instituições comunitárias importantes, para a cultura da massa (culturas das multidões) no Brasil e para a afirmação de uma coletividade. (É riquíssimo o caso japonês atual neste.

sentido da dupla dimensão, lúdica e política, das torcidas). Se há desvios — e há — cumpra-se a lei, exerça-se a autoridade pública e o controle social sobre os torcedores uniformizados. Identificação e punição, sem generalização — este o método eficaz de combate à impunidade e triunfo da cidadania. O que falta é vontade política, porque em verdade o problema já está diagnosticado e é bem menor do que se supõe.

Cinco anos de investigação e estudos comparativos, com levantamentos no Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador, Curitiba e Recife, nos permitem concluir que as **torcidas organizadas** são parcela pequena no universo de milhões de torcedores. Conforme dados das Polícias Militares e das Associações das Torcidas Organizadas dos respectivos estados, cem mil são os organizados no Rio de Janeiro, setenta e cinco mil uniformizados em São Paulo e sessenta mil em Minas Gerais, para ficarmos, apenas, nos de maior peso. Reitero, portanto: fração mínima do universo global de torcedores. E **dentro das organizadas**, os violentos, brigões ou arruaceiros, numa palavra, vândalos (prazer sádico com a violência) formam um segmento ainda menor, ou seja, em torno de 5%. E é nacional este quadro explicativo. Uma minoria, portanto, que está dominando o processo, em que pese organizada, armada e agressiva. O que estou querendo dizer? Que apesar de extremamente grave, este problema tem solução.

\* \* \*

### Prorrogação

E já que dissemos que tem solução, eis algumas sugestões que podem ajudar, que podem contribuir, para que a sociedade possa tutelar essas práticas, isolando-as em níveis de controle e graus de suportabilidade. Faz-se

E dentro das organizadas, os violentos, brigões ou arruaceiros, numa palavra, vândalos (prazer sádico com a violência) formam um segmento ainda menor, ou seja, em torno de 5%.

necessário a articulação de medidas de caráter reeducativo, preventivo e corretivo, de forma sistemática e permanente e não episódica, como resposta aos reclamos da mídia. A listagem a seguir tem lastro no debate e na experiência nacional e internacional, bem mais nesta do que naquela.

- Campanhas de pacificação, envolvendo os chefes de torcidas e os principais jogadores de cada equipe;
- Palestras e debates com torcedores;
- Reuniões periódicas das polícias civil e militar com as torcidas;
- Delegacia móvel nos grandes estádios;
- Leis específicas com punição rigorosa, para delitos cometidos no interior e nas proximidades dos estádios;
- Circuito interno de TV, com micro-câmeras estratégicas;
- Policiamento à paisana, infiltrado nas organizadas;
- Criação de grupamento de polícia especializada em futebol, tal como o GEPE no Rio de Janeiro e o Setor-Futebol da Scotland Yard na Inglaterra;
- Proibição da venda de bebida alcoólica dentro dos estádios e nos arredores;
- Revista rigorosa e permanente em torcedores e torcedoras;
- Responsabilização penal dos pais de menores infratores;
- Melhoria do sistema de transporte coletivo, principalmente no horário de saída, para escoar a multidão rapidamente, como em 1991 na cidade de São Paulo;

- Melhoria da iluminação pública dentro e fora das praças esportivas;
- Perda de pontos por parte do time da torcida arruaceira, como na Itália;
- Proibição do torcedor comprovadamente violento de comparecer aos estádios, ficando obrigado a prestar serviços comunitários na hora do jogo, como na Alemanha pioneiramente;
- Desconto especial no preço dos ingressos para crianças e idosos, bem como para mulheres de maneira geral.

Dentre outras possibilidades, essas são iniciativas que, associadas, podem produzir resultados satisfatórios e em escala progressiva, se forem implementadas com rapidez e mantidas com firmeza. Nossa coletividade exige, nosso futebol merece.